



SEMINÁRIO
EDUCAÇÃO QUE TRANSFORMA:
DIREITOS HUMANOS E DIVERSIDADES NA AMAZÔNIA

7 e 8 de maio de 2026 – Porto Velho/RO

Evento híbrido | Gratuito

LITERATURA E CURRÍCULO:
A INCLUSÃO DA LITERATURA ESCRITA POR MULHERES DA
PERIFERIA PARAENSE NAS AULAS DE ENSINO MÉDIO

ADRIANE TEIXEIRA LIMA DOS SANTOS¹

GT indicado: Educação em Direitos Humanos na Amazônia

RESUMO: O texto trata sobre a inclusão da literatura escrita por mulheres da periferia paraense nas aulas do ensino médio. O objetivo é mostrar a importância dessa arte enquanto dispositivo decolonial, em combate ao Dispositivo Colonial (Neves; Gregolin, 2021), e de promoção da Educação em Direitos Humanos (EDH). Para isso – fundamentados nos conceitos de currículo, identidade e diferença (Silva, 2011a; 2011b), literatura feminina periférica (Balbino, 2017) e “crítica decolonial” (Maldonado-Torres, 2024) – apresentaremos uma experiência piloto realizada com estudantes da 3ª série do ensino médio da escola estadual Dom Bosco, localizada no município de Salinópolis, região nordeste do Pará. A experiência mostrou que a inclusão de uma arte conterrânea e contemporânea no currículo possui diversas vantagens à educação, entre elas o sentimento de pertencimento ao território. Conclui-se que a literatura feminina periférica é uma das possibilidades de resistência à nova forma de colonialismo econômico e cultural, o capitalismo; logo de resgate do objetivo primevo da educação: a formação humana de sujeitos éticos, críticos, políticos e poéticos.

Palavras-chave: Literatura feminina periférica paraense. Currículo. Dispositivo decolonial. Formação humana.

¹ Adriane Teixeira Lima dos Santos. Professora de língua portuguesa e suas literaturas pela Secretaria de Estado de Educação do Pará (Seduc-PA). Mestra em Linguagens e Saberes na Amazônia (UFPA, 2018). Especialista em Relações Étnico-Raciais para o Ensino Fundamental (UFPA, 2011). Licenciada em Letras, Língua Portuguesa (UFPA, 2007). E-mail: adriane.teixeira@escola.seduc.pa.gov.br.

1. INTRODUÇÃO

Dispositivo Colonial (Neves; Gregolin, 2021) é o conjunto dos diversos dispositivos (bélico, pedagógico, religioso, jurídico, o midiático, etc.) que têm sido utilizados pelos colonizadores – do período Colonial até nossos dias – para silenciar os povos colonizados, tendo a língua e a literatura como “linha de força”. É em virtude desse dispositivo que, ao estudarmos os períodos literários brasileiros no ensino médio, deparamo-nos, nos livros didáticos, com um longo silenciamento feminino (de 1500 ao final do século XIX) ao lado de uma lista extensa de autores, em sua maioria brancos e da elite. Por isso, este trabalho objetiva mostrar a importância da literatura feminina periférica no Ensino Médio enquanto dispositivo decolonial e de promoção da Educação em Direitos Humanos (EDH). Para isso – fundamentados nos conceitos de currículo, identidade e diferença (Silva, 2011a; 2011b), literatura feminina periférica (Balbino, 2017) e “crítica decolonial” (Maldonado-Torres, 2024) – apresentaremos uma experiência piloto realizada com estudantes da 3ª série do ensino médio da escola estadual Dom Bosco, localizada no município de Salinópolis, região nordeste do Pará.

2. CONCEITOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UM CURRÍCULO DECOLONIAL

Identidade e diferença são conceitos mutuamente determinados. Por outro lado, essas categorias não são essências, mas produções sociais e culturais que estão em constante transformação. As relações entre identidade e diferença se dão por meio de sistemas de diferenciação, os quais fixam uma identidade como a norma e excluem, classificam e hierarquizam as diferenças (Silva, 2011b). Nesse sentido, o currículo é uma “questão de poder”, já que privilegiar “uma identidade ou subjetividade como sendo ideal é uma operação de poder (Silva, 2011a, p. 16). Na atualidade, a identidade capitalista é quem determina o currículo, colocando o docente em uma encruzilhada entre formar humanos – críticos, éticos e políticos, conforme preconizam as Diretrizes Curriculares para a Educação em Direitos Humanos (Brasil, 2012) – ou produzir resultados (Shiroma; Evangelista, 2015). No entanto, acreditamos que a presença da literatura feminina periférica no ensino médio é uma maneira de promover a “contrainteriorização do projeto burguês” (Shiroma; Evangelista, 2015, p. 332), pois a literatura tanto constitui um direito humano (Antônio Cândido, 2011 *apud* Corsino, 2021), quanto possui o poder de

humanizar (Adichie, 2019). A literatura feminina periférica – sendo aquela em que as autoras, mesmo localizadas “fora do centro” (geográfica e subjetivamente), reforçam seu protagonismo ao abordar temáticas que têm como foco a autorrepresentação (Balbino, 2017) – possui essa dupla função. E as literaturas femininas periféricas paraenses, por sua vez, ao incluir uma multiplicidade de cosmovisões no currículo – podem ser uma linha de força quando falamos em Educação Direitos Humanos na Amazônia. É o que nos mostra o conceito de “crítica decolonial”; isto é, aquela que reconhece “a existência da crítica em múltiplas cosmovisões” e as envolve na luta decolonial (Maldonado-Torres, 2024, p. 27). Esse tipo de crítica, segundo o Maldonado-Torres é pluriversal, intercultural e transdisciplinar, sendo uma atitude “contra-catastrófica” de resgate das subjetividades consumidas pelo colonialismo europeu. Dessa forma, a inclusão de vozes literárias não canônicas no currículo educacional paraense contribui para a EDH.

3. LITERATURA E CURRÍCULO: UMA EXPERIÊNCIA DECOLONIAL

A inclusão da literatura feminina da periferia paraense pode envolver tanto as escritoras da própria escola (alunas, professoras, serventes, secretárias, diretoras, etc.) quanto as escritoras do entorno dessa (ribeirinhas, pescadoras, indígenas, quilombolas, etc.). Uma sugestão de prática pedagógica seria a produção de antologias poéticas escolares. Em 2025, por exemplo, organizei uma antologia poética com poetisas da escola. A atividade foi realizada, em forma de projeto, nas aulas de língua portuguesa e suas literaturas da 3ª série do ensino médio da escola estadual Dom Bosco, Salinópolis-Pará. O projeto contou com várias etapas, durante o ano letivo inteiro, e culminou no lançamento do livro físico ***“Antologia poética do terceiro Dom Bosco 2025: poemas-piada em destaque”*** (Santos, 2025)². Durante as aulas, fizemos um giro decolonial da arte canônica para a não canônica com destaque a textos satíricos. Dessa forma, iniciamos com um passeio pela arte de vanguarda europeia, com foco na técnica *ready-made*. Seguimos, pelos poemas-piada, de Oswald de Andrade; e pelas músicas “Bienal”, de Zeca Baleiro, e “Burguesia”, de Cazuza. Terminamos com a leitura de meus poemas “Desilusão” e “Poesia Forever”. Ao final desse passeio, os discentes foram instados a produzir um poema-piada com tema livre; porém, surgiram poemas líricos, religiosos,

² O livro foi lançado pela editora Uiclap, mas pode ser encontrado também na Amazon.

filosóficos, satíricos, intimistas, entre outros, a maioria deles também foi lida em sala. Dessa atividade, participaram 63 estudantes, sendo 38 deles meninas. Cada um dos/das escritoras recebeu um exemplar do livro ao final do ano letivo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Encerrado o projeto, algumas alunas relataram se sentir motivadas a produzir e publicar o próprio livro, o que comprova a importância não apenas do incentivo, mas da representatividade (Silva, 2011b). Ao trazer os meus textos para a sala de aula, elas entenderam que uma escritora periférica também pode falar, não importa sobre qual tema. Prova disso foram os variados temas que essas discentes apresentaram: amizade, animais de estimação, escolhas, celular, liberdade, tristeza, horários, cabelo, sapato, unhas, profissão, reforma da escola, igreja, dieta, frutas, bad boys, entre outros. Portanto, a proposta de inclusão da literatura feminina periférica paraense no ensino médio é uma crítica decolonial que permite vislumbrar diversas vantagens à formação humana. Uma delas é a possibilidade de autodefinição (Ribeiro, 2019), evitando que a identidade feminina periférica seja invisibilizada pelo cânone machista, racista e classista. Outra vantagem é a multiplicidade de lugares de fala (Ribeiro, 2019) que essa literatura possibilita. Um terceiro benefício é a contemporaneidade e a conterraneidade dessa literatura, permitindo o desenvolvimento do sentimento de pertencimento ao território e de valorização da cultura local. Por fim, essa proximidade – geográfica, temporal e linguística – também permite que as aulas de literatura se tornem mais vivas e criativas, possibilitando pensar a literatura e a educação dentro da conjuntura atual.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pedagogia decolonial proposta, mostra-se bastante enriquecedora para a educação, pois, ao retirar da invisibilidade as escritoras periféricas paraenses, rompe com a normatização hegemônica que hierarquiza saberes; resgata as subjetividades amazônicas, tornando a educação paraense mais regionalista e criativa; enfim, possibilita não apenas o acesso aos Direitos Humanos, mas também a formação humana crítica, política, ética e poética.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- BALBINO, Jéssica. **Oralidade, voz e literatura feita por mulheres periféricas**. In.: FONTANA, M. G. Z; FERRARI, A. J. (orgs.). Mulheres em discurso: identificações de gênero e práticas de resistência. 2. v. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017, p. 163-182.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 1, de 30 de maio de 2012. **Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos**. Disponível em: < <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/educacao-em-direitos-humanos/DiretrizesNacionaisEDH.pdf> > Acesso em: 13 abr. 2026.
- CORSINO, Patrícia. **Infância e literatura nas urdiduras de palavras e imagens**. In.: MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (org.). A função da literatura na escola: resistência, mediação e formação leitora. – 1. ed. – São Paulo: Parábola, 2021, p. 93-107.
- MALDONADO-TORRES. **O que é a crítica decolonial**. Traduzido por Fábio Amorim Vieira e Tathiana Cristina da Silva Anizio Cassiano. Fronteiras: Revista Catarinense de História. Santa Catarina: Universidade Federal da Fronteira Sul (PPGH), Associação Nacional de História (ANPUH), n. 44, p. 10-39, 29 ago. 2024.
- NEVES, Ivânia dos Santos; GREGOLIN, Maria do Rosário. **A arqueogenealogia foucaultiana como lente para a análise do governo da língua portuguesa no Brasil: continuidades e disrupções**. Revista Moara. Estudos Linguísticos. Belém: UFPA, Edição 57, v. 2, p. 8-32, jan.–jul. 2021.
- SANTOS, Adriane Teixeira Lima dos. (org.). **Antologia poética do terceiro Dom Bosco 2025**: poemas-piada em destaque. São João de Pirabas: Uiclap Editora, 2025.
- SHIROMA, Eneida Oto; EVANGELISTA, Olinda. **Formação humana ou produção de resultados? Trabalho docente na encruzilhada**. Revista Contemporânea de Educação. Rio de Janeiro: UFRJ, v. 10, n. 20, p. 314-341, jul. /dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/27_2730>. Acesso em: 10 out. 2024.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. 2. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011a.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In.: SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, K. (orgs.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011b, p. 73-102.
- RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.